
ICANN80 | Fórum de políticas – Debate do GAC: envolvimento Africano no GAC
Terça-feira, 11 de junho de 2024 – 15h30 às 17h KGL

JULIA CHARVOLEN: Sejam bem-vindos a esta nova reunião. Hoje, em Kigali, 15h30. Lembrem que essa reunião se grava e rege os padrões. As perguntas e comentários apresentados no chat, vão ser lidos, se cumprem o idioma correto. Lembrem também que devem falar em qual idioma que vão utilizar. E falem a uma velocidade razoável, para permitir uma interpretação adequada. Podem encontrar todos os requisitos na barra do Zoom. E passo a palavra agora a Christine.

CHRISTINE ARIDA: Obrigada, Julia. Eu sou vice-presidente, Christine. Eu quero dar as boas-vindas a todos. Esta é a nova sessão sobre o relacionamento do GAC e a África. Esta é uma continuação da sessão de Geração de Capacidades. E eu quero agradecer o Grupo de Trabalho das Regiões Subatendidas por ter organizado estes eventos sobre a África.

O objetivo era experimentar nesta reunião aqui, na África, novas modalidades de geração de capacidades. A primeira sessão está organizada, formatada de que sejam apresentados os temas de interesse. Mas também queremos mencionar o que acontece no continente africano, em termos de atividades e iniciativas, para poder ter dessa forma um panorama de tudo o que está acontecendo.

Observação: O conteúdo deste documento é produto resultante da transcrição de um arquivo de áudio para um arquivo de texto. Ainda levando em conta que a transcrição é fiel ao áudio na sua maior proporção, em alguns casos pode estar incompleta ou inexata por falta de fidelidade do áudio, bem como pode ter sido corrigida gramaticalmente para melhorar a qualidade e compreensão do texto. Esta transcrição é proporcionada como material adicional ao arquivo de áudio, mas não deve ser considerada como registro oficial.

A nossa agenda para hoje tem duas apresentações especiais. Na verdade, duas e meia, se me permitirem. Vão se escutar em primeiro lugar, a Pierre Dandjinou, que está aqui a minha esquerda, que faz parte da Coalizão por uma África Digital. Portanto vamos ter uma apresentação desta organização.

E vamos escutar também sobre a iniciativa do relatório de 2023 sobre os nomes de domínio africanos. Depois vamos passar a palavra a Smart Africa, para que façam uma apresentação sobre o projeto de governança, que escutamos antes. Já falamos um pouco ao respeito deste projeto. E vamos aprofundar mais um pouco nesta sessão.

Depois vamos fazer um resumo de ambas as sessões no final desta sessão. Quero convidar então, a que façam suas perguntas. E que esta sessão seja interativa. Vamos fazer recessos, assim espaços para perguntas. E também peço, que levantem a mão afim de passar a palavra para os senhores e as senhoras. Então vou passar agora a palavra a Rodrigue.

RODRIGUE GUIGUEMDE:

Muito obrigado. É uma grande honra estar aqui hoje. Como os senhores e as senhoras sabem, há alguns já estamos tentando ou trabalhando no que tem a ver com governança da internet, como para dar apoio aos nossos atores africanos, especialmente no setor do governo, para ver de que forma podemos apoiar. E tratar os temas referidos a governança da internet. isso é muito importante para nós.

Estas sessões de capacitação, que organizamos foram muito importantes em termos dos ccTLDs. Capacitação, treinamento. E

agora, estamos tentando de ver que tipo de enfoque podemos definir para envolver um pouco mais os atores africanos no processo da governança da internet. Como podemos nos organizar para tratar estes temas e ficar mais confortáveis nesses debates.

Quero então, fazer uma apresentação sobre os projetos de internet. Estamos também envolvidos em muitos processos em andamento, principalmente na Coalizão por uma África Digital (CDA), que é importante para nós. Porque no final das contas, o que queremos é reunir todos os atores para conseguir que a África seja mais relevante. O papel da África seja mais relevante, mais forte nesses tipos de assuntos.

Essas são algumas das palavras, que queria compartilhar aqui nesta mesa. Vamos ter um bom debate. Eu acho que podemos falar depois, que apresentemos o projeto.

CHRISTINE ARIDA:

Obrigada, Rodrigue. Agora vou passar a palavra a Pierre Dandjinou. Pierre Dandjinou é vice-presidente do Relacionamento de Partes Interessadas para a África. Representa a Coalizão para uma África Digital, bem como o esforço de que fazem das indústrias de nomes de domínio na África.

PIERRE DANDJINOU:

Obrigado, Christina. Boa tarde para todos. Eu sou Pierre Dandjinou. Faço parte do pessoal da ICANN e vice-presidente a cargo da Participação de Partes Interessadas. Trabalho especificamente na área

da África. Eu vou contar um pouco algumas iniciativas, que lançamos já há alguns anos.

Quero contar qual o entorno, no qual trabalhamos, o porquê geramos essa iniciativa e também informar que temos o que denominamos uma estratégia africana, dentro da ICANN. E essa estratégia foi desenvolvida pela comunidade no seu conjunto e aí, incluímos vários dos assuntos que vamos apresentar. A pergunta foi “O que quer África, que a ICANN faça?”.

Então formamos um grupo de atores africanos com perguntas e soluções. E um dos dois alicerces, pilares que surgiu é que a África precisa uma maior participação na ICANN. Há 10 ou 12 anos, na época em que escrevíamos essa estratégia, sentimos que não tinha a África, muita participação na ICANN.

Em segundo lugar, o que é necessário na África é a geração de capacidades, a formação, o treinamento; que se contribua não só para o trabalho da ICANN, mas também para a participação e a transformação digital do continente. Preparamos já alguns slides para contar como é esta iniciativa. E aqui, não surge ou aparece a única coisa que fizemos na África. Porque também trabalhamos em outras áreas.

Devemos lembrar que isto é a ICANN. E a ICANN tem seu alcance, que é o alcance do DNS. E que claro, também temos pedidos ou solicitações, para que nós contemos um pouco como investimos na estrutura da África, em favor da África, quais são os assuntos que afetam a África. Mas isso não está dentro do alcance ou do escopo da finalidade da ICANN.

Então criamos esse grupo, essa coalizão em favor da África Digital. Então é a primeira vez, que tentamos fazer alguma coisa na África, nesse sentido. Porque pode existir algum tipo de tratamento não-igualitário. Acho que podemos fazer contribuições ao respeito no continente africano.

Por que esta coalizão? Por que temos que falar de uma coalizão? Consideramos que a partir da transformação digital, vimos que tínhamos muitos atores, que queriam contribuir com vários projetos, tanto do ponto de vista da infraestrutura ou de qualquer outro, qualquer outra natureza.

Consideramos que se a ICANN avançaria nesse caminho, não seria só porque é a ICANN. Então por que não gerar uma parceria, uma coalizão? E um dos princípios reitores, que tivemos, para conseguir parceiro é que a internet é interoperável, é segura. E também que nós acreditamos na abertura e que devemos permitir acessibilidade na África.

A Coalizão para um África Digital tem áreas focais. E da nossa parte, tratava-se de ter uma estrutura de DNS robusta na África. E esta seria a centralidade do sistema do DNS. Também incluímos o que denominamos conectividade significativa. Também o multilinguismo na internet, desenvolver conteúdos locais na África e caso seja possível, utilizar códigos de escrita africanos. Também vimos como um ponto importante no programa, a formação, capacitação ou treinamento; nossa e dos nossos parceiros.

E se trata de ter o conhecimento e capacidades necessárias para poder participar neste Modelo Multissetorial referido a governança da internet. Esta governança foi um ponto central na nossa agenda ou no nosso programa. Quando lançamos esta iniciativa há um ano, numa das reuniões do IGF na Etiópia, queríamos mencionar o que tínhamos conseguido até então. E também deixa espaços para perguntas.

Os objetivos são bastante claros. Têm a ver com estabelecer um grupo que vai reunir recursos, para poder continuar com a transformação digital na África. O próximo slide vai apresentar mais outros detalhes do que estivemos fazendo. Aqui vemos alguns números, que talvez vamos ter que atualizar.

Aqui é a parte principal do que fizemos. A Coalizão está formada por 14 parceiros ou sócios, que são instituições que de alguma forma estão de acordo com os princípios da Coalizão. Esses sócios ou parceiros, aqui estão os nomes – não vou mencionar – mas temos universidades, uma associação de universidades africanas. Por exemplo, é a que está incentivando este tema da Aceitação Universal, a Internacionalização dos Nomes de Domínio.

E isso o que estamos fazendo com a unidade na África, que é muito importante. Uma das coisas que queremos conseguir é conseguir a Aceitação Universal nos programas das universidades.

Neste momento, temos 8 iniciativas, que consideramos que vão ajudar a transformação digital na África. O que fazemos agora já aconteceu em 34 países africanos. E um dos projetos no que se refere aos pilares da

infraestrutura... tem a ver com o fato de que a ICANN gerencia os servidores-raiz.

E somos primeiros nos países africanos. Estabelecemos um conjunto de servidores-raiz. Começamos em Nairóbi, segundo no Cairo. Mas se trata de um conjunto de servidores, cópias de servidores. Para falar melhor, que são exatamente a mesma coisa.

Isso ajuda a reduzir a acessibilidade a internet. Se a pessoa consegue reduzir o uso em milissegundos, vai poder trabalhar com o tráfego e como funciona esse tráfego. Quando tivemos esses dois clusters conjuntos, encontramos outros assuntos. Agora temos certeza de que 30% do tráfego que sai da África e volta para a África, está sendo gerenciado na África.

E isso é muito importante. As pessoas não consideram o DNS, como parte da infraestrutura. Mas nesse exemplo, vemos que é muito importante. E quando nós tivemos essas cópias dos servidores na África toda, isso definitiva vai ter um papel fundamental, no que se refere a facilitar a acessibilidade.

Este é um exemplo então, do que fizemos. O outro tem a ver com os pontos de intercâmbio, de troca da internet. Estamos estabelecendo junto com a ISOC e é importante estabelecer o que fazem os ISPs. São eles, os que têm que manter os dados locais. E isso acontece no entorno, no cenário no qual os ISPs estão espalhados na África toda. Cada vez vamos ter então, mais ISPs na África e isso é o que a ICANN quer estabelecer. E esse é um dos nossos objetivos. E isso tem a ver, é o

que tem a ver com a infraestrutura. Está aqui na tela, seria a lista dos parceiros atuais da Coalizão. São 14.

Um ou dois apareceram recentemente. A Associação de Advogados, por exemplo, que é muito importante. A AFINIC, não? Não está. Definitivamente a AFINIC foi um dos nossos primeiros parceiros. E temos que ter a oportunidade de trabalhar com eles. Vamos ter um *workshop* sobre *Marketing*. E trabalhamos então, com os ccTLDs africanos. Falemos agora um pouco das principais conquistas.

Falamos já do IMRS. Também quero destacar a publicação do estudo de 2023 sobre Nomes de Domínio na África. Quando lançamos esse relatório, esse trabalho ou quando lancemos amanhã, no espaço africano. Vamos dizer que se trata de um relatório ou um trabalho, que disse exatamente qual é o status dos Nomes de Domínio, que são gerenciados a partir da África. E o que deveríamos fazer na África? Eu vou dar, passar alguns aspectos principais, um pouco depois, que apresenta qual é a realidade hoje e quais as recomendações para melhorar, aqui na África.

Outro ponto importante, o aspecto de segurança da internet no continente. Trata-se do DNSSEC. Vamos ter uma implementação em Botsuana, que é muito importante. Agora estamos falando de uma internet segura e de uma forma de assegurar este DNSSEC implementado.

E dos 54 países, entre 10 e 15 asseguraram a sua internet. E isso é muito importante. E é uma coisa, com a qual estamos muito satisfeitos.

Temos alguns sócios ou parceiros, um deles é a União das Telecomunicações Africana.

E também estamos esperando alguns outros parceiros. Sabemos que há muito interesse nesses projetos. E isso é então o DNSSEC e nós fazemos o DNSSEC nos *roadshows* nos diferentes países. Também fazemos oficinas. E tentamos que as pessoas saibam o que é necessário em termos de tecnologia. E também para isso, essa tecnologia vai servir para o servidor-raiz. E tudo isso é muito importante, que nós estamos sendo feitas talvez, como corresponde aqui, na África.

Quanto as conquistas, também, talvez esse é momento de passar ao que denominamos... o que fazemos quando estamos conectados. Questões, como por exemplo, a Aceitação Universal, como nos asseguramos que os sistemas possam se comunicar com outros sistemas, quais as ações que devemos realizar ou que devem ser realizadas para que o nosso sistema fique no mesmo nível, que um sistema nível global. E isso é muito importante.

Também estamos satisfeitos de ter um projeto conjunto com a Associação das Universidade Africanas. E isso é muito importante. Porque junto com eles, vamos ter também um grupo de 400 instituições, universidades; que estão aplicando a tecnologia para fazer testes com os sistemas informáticos e também para garantir... que pelo menos, alguns deles estejam a par da UA.

E se não trabalhar para isso, vão fazer uma oficina também ao respeito deste tema. E o que entendemos também foi que é importante que os

professores universitários entendam do que estamos falando, quando se fala da Aceitação Universal, AU.

Esse é um projeto que inclui o tema dentro do currículo universitário. Estamos muito satisfeitos de trabalhar com esses grupos. Outros assuntos têm a ver com a governança da internet e a criação de capacidades ou habilidades. Smart Africa, por exemplo, certamente foi um parceiro nesse sentido.

E quanto a criação de capacidades, quero mencionar que há um projeto específico, que foi desenhado. E se trata de uma campanha para os ccTLDs da África. E a ideia é criar consciência entre os ccTLDs da África sobre assuntos técnicos de Nomes de Domínio e de Segurança. Esse são projetos de programas, que desenhemos até agora e que vamos trabalhar com os nossos parceiros, para concretizá-los. Estamos aqui, na ICANN, satisfeitos de que esses programas estejam na mesa. Em definitivo ou como resumo, era isso que eu queria compartilhar com vocês.

CHRISTINE ARIDA:

Pierre, quero ver se há alguma pergunta ou comentário na audiência ou na participação remota. No chat, há um link com mais informação sobre a Coalizão para a África Digital. Há perguntas ou comentários?

JULIA CHARVOLEN:

Christine, temos o representante da Mauritânia, que quer falar.

MOHAMED EL MOCTAR: Muito obrigado por esta apresentação tão útil. Tivemos a oportunidade de conhecer a informação desta apresentação na sessão de ontem com Smart Africa. E a pergunta que eu quero fazer é a seguinte. Eu estaria interessado também em advertir que apenas há 34 países-membros até agora nesta coalizão da África. E eu assim, se não estou enganado, sei que somos 54 países. Qual o processo para poder se unir ou fazer parte? A pergunta então seria, se poderiam explicar mais um pouco, com detalhes, qual o processo para fazer parte e participar dessas ações. Muito obrigado.

PIERRE DANDJINO: Obrigado pela pergunta. Recebemos habitualmente essa pergunta do porquê são apenas 34 países e não, os 54. Bom, são 34, porque alguns desses projetos dos que falei antes, exigem cumprir alguns critérios ou princípios ou requisitos.

E o que começamos, na verdade, é um projeto piloto, experimental. Claro que não podemos tratar com 54 países. Porque é um projeto piloto ou experimental. Depois quando terminado esse projeto, vamos ampliar a base para que possam participar mais países. Esse é o único tema ao respeito. este é um projeto piloto, experimental.

Vamos começar com 10. Estabelecemos algumas linhas ou critérios, para que aqueles países interessados em participar. E para aqueles administradores, que também quisessem participar, onde avançaríamos então com as oficinas.

E depois também concretizaríamos todo o processo, utilizando as diferentes ferramentas. E isso faríamos a nível nacional. Mas era apenas

um projeto piloto, experimental. Depois vamos avançar. Eu sei que a Mauritânia já manifestou o seu interesse. Mas isso é para os ccTLDs.

Há diferentes assuntos, que se manejam em diferentes lugares. Falamos das oficinas de DNSSEC, por exemplo. Eu acho que agora, há apenas 4 ou 5 países. Mas a ideia é ampliar a base para a África toda. E que cada vez existam os se incorpore mais países. E também temos que trabalhar com os parceiros. E esses sócios estão prontos para trabalhar nesses projetos. Isso vai dar uma maior possibilidade de a cada vez, incorporar mais países nesses tipos de projetos.

CHRISTINE ARIDA:

Há outra pergunta no chat e é do representante de Vanuatu. Poderia, por favor, explicar um pouco sobre o desenvolvimento de capacidades sobre a governança da internet para os governos e legisladores? Como é oferecido? E quais os desafios?

PIERRE DANDJINOU:

Muito interessante a pergunta. Esta é uma das primeiras vezes, que temos, na verdade, parlamentares dentro de uma reunião da ICANN. E isso aconteceu porque é sob a CDA. Associações e trabalhamos com redes de parlamentares, que chegaram até nós e disseram “Olha, queremos aprender um pouco mais sobre a governança da internet, do que se trata e tal”.

E pensamos que chegar até uma reunião da ICANN era a melhor forma. Mas antes disso, o que fizemos há 3-4 dias, foi reuni-los e explicamos o que significa a governança da internet.

E recebemos uma pergunta muito importante de parte deles. E uma das perguntas foi “O que querem dizer com Nomes de Domínio? Quem gerencia os Nomes de Domínio no nosso país?”. Muito pouco se entendia de como era o processo. Um dos resultados que vimos era que necessitamos de informação. Tinham que ser informados, porque além de mais legisladores, para que os países possam tomar as medidas certas, quanto a governança da internet. Tem que ter informação.

A mesma coisa acontece com os endereços de IPv4. Tinham que tomar a decisão, mas realmente não entendia do que estavam falando. Então não sabiam se tinham os recursos necessários ou não.

Falamos também da questão dos dados pessoais e tudo que isso significa, quanto a legislação o que deve ser feito e o que não deve ser feito, as estratégias que têm os países.

Tudo isso é muito importante. Mas se não temos conhecimento, especialmente os legisladores que tomam decisões; bom, não chegam a lugar nenhum. Então para nós, foi um prazer nos aproximar até os parlamentares nesta reunião e contar, porque algum deles até estão presentes aqui, na reunião. Eles souberam o que era o GAC. E alguns demonstraram seu interesse em fazer parte nessas reuniões, para compartilhar as suas ideias e também deram a entender melhor, como é gerenciar estes recursos.

CHRISTINE ARIDA:

Tem alguma outra pergunta aí, presencial ou no Zoom? Muito bem. Há uma pergunta da audiência. Por favor, pode se apresentar.

IRENE KAGGWA:

Eu sou a representante de Uganda. E quero agradecer os apresentadores, especialmente aos meus colegas que estão trabalhando neste tema. Eu quero fazer um comentário, mais do que uma pergunta. Na verdade, eu parableno por reunir todas as organizações, que estão interessadas neste tema.

Do ponto de vista nacional, um dos desafios que temos é que não podemos ou não conseguimos ter o apoio é necessário, pela forma na qual se canaliza tudo. Temos conversas com parlamentares, mas talvez ele entre em contato com a academia. Mas ninguém conhece, então eu acho que deve existir uma coordenação entre os trabalhos.

Porque todos trabalhamos por uma causa comum. E temos recursos coletivos. Mas se não sabemos quem está trabalhando em que, se não temos informação disponível, se não sabemos quem coordena; então é complexo. Porque, às vezes, não vemos os benefícios do trabalho. E muitas vezes, não podemos ver esses benefícios, porque os recursos, os temas não entram dentro do que seria o plano de transformação digital nacional.

PIERRE DANDJINOU:

Bom, claro. Isso também tem a ver com a comunicação. Mas o importante é que somos um ambiente multissetorial, no qual participam vários países. Então é importante, que as pessoas se comuniquem entre si e aqueles que tomam decisões. Se todos a nível do país ou dos diferentes países, têm que ter um canal, encontrar um canal para falarem entre si.

Entendemos que esse é um tema importante e também celebramos que apresentem esse tema, aqui na mesa. Mas eu acho que isso tem que acontecer a nível de país ou diferentes países têm que conseguir falar entre si, como uma equipe nos temas que apresentam. Mas sim, o modelo neste sentido, é de muita utilidade.

CHRISTINE ARIDA:

Vejo que aqui no chat, a Suíça publicou informação adicional sobre outras atividades referidas com a criação de capacidades. Então obrigada, representante da Suíça. Aqui, há uma pergunta de Papua Nova Guiné.

RUSSELL WORUBA:

Obrigado pela atualização sobre a Coalizão Digital na África ou para uma África Digital. É muito entusiasmante ver esta iniciativa. E na área do Pacífico, como já falou o meu colega de Vanuatu, há grupos regionais que se reúnem já faz tempo.

E este é mais um comentário e não uma pergunta. Temos, por exemplo, um Fórum do Pacífico, os líderes se reuniram em Tonga. E ali, redigiram uma declaração, onde oferecem seu apoio. Há diferentes grupos multilaterais, como por exemplo, as Nações Unidas. E me interessa saber como é que surgem essas iniciativas? Os senhores têm alguma política de desenvolvimento da internet ou plano ou projeto, que inclua todas as economias, regiões ou sub-regiões da África? Como começam essas iniciativas? Como vão concretizando?

PIERRE DANDJINOU:

Bom, logo no início, eu disse que esta coalizão não surge do nada. Temos o que denominamos estratégia para a África. E essa estratégia foi desenvolvida pelos africanos. Então até conta... que nós fazíamos era que o esperavam da ICANN.

E qual eram os pilares? Como devíamos interagir com eles? E esta iniciativa também surgiu porque percebemos que tínhamos a necessidade ou existia a necessidade de que os diferentes parceiros trabalhassem de forma conjunta. Pensamos que essa iniciativa tinha que acontecer através de uma associação de diferentes atores.

Começamos então com esse tipo de ideias iniciais para construir um grupo. Não era um grupo de trabalho. Mas sim, um grupo onde se compartilhassem ideias com diferentes participantes, que pudessem entender do que se tratava tudo isso, que nos ajudassem a avançar com a estratégia.

Dessa forma surgiu a Coalizão. Mas na verdade, foi uma coisa, que continuou o que começou a estratégia da África. Ou seja, perguntamos o que queria ver a África e o que queria que a ICANN oferecesse nesse sentido.

CHRISTINE ARIDA:

Temos uma pergunta mais e um comentário no chat, que eu vou ler. E depois, vamos passar a seguinte parte. A pergunta vem do representante de Essuatíni. E diz o seguinte “Muito bom trabalho, que estão fazendo no nosso continente. Estão trabalhando com as ARS, para poder ter acesso a todas as regiões?”. E há outro comentário de

Paul, que diz que existe um ponto muito importante quanto a criação de capacidades de trabalho, que está feito sobre o DNS.

PIERRE DANDJINOU:

Bom, o observatório é um dos pontos a apresentar neste relatório e que vamos apresentar amanhã. Não é um repositório, mas uma plataforma, onde a informação atualizada sobre o DNS na África. Este é um projeto desenvolvido com diferentes parceiros. Então aqui, falamos com as diferentes partes ou parceiros ou sócios. E uma vez que imitamos o relatório, uma de suas partes vai fazer referência a esse observatório.

E quando estabelecemos, também definimos quais os sócios ou parceiros, que tecnologia devia ter. Sabemos que há outras iniciativas também, que estão em andamento e que também são de tipo experimental ou piloto. Mas em algum ponto, o que vamos ter que fazer é reunir todas essas iniciativas e trabalhos experimentais ou pilotos e trabalhar em prol de um objetivo.

CHRISTINE ARIDA:

Quando fala da ARS, se refere a Comissão Econômica.

PIERRE DANDJINOU:

Tivemos uma solicitação de países específicos. E como eu falei, ainda não tomamos nenhuma decisão. Porque precisamos que todos dos 54 países façam parte disso. E não recebemos... ou sim, desculpem... recebemos manifestação de interesse dos reguladores, por exemplo.

E também a UNICA, que é internacional. E ontem também com os parceiros e houve um que era observador. E uma observação foi que isso faz parte da Coalizão Digital. E não temos tempo para agora, descrever isso. Mas a decisão vai vir da Coalizão.

CHRISTINE ARIDA: Temos algumas perguntas, que vamos deixar para o final da sessão, se for possível. Muito obrigada. Continuemos com a apresentação. O Estudo da África. Muito obrigado, sim.

PIERRE DANDJINOU: Estamos convidando todos para o Africa Space amanhã. Vamos dar mais informação sobre os achados dessa pesquisa. E isso nos dá, nos mostrará um pouco algumas reflexões sobre uma pesquisa de 2023 sobre os Domínios da África, o setor de Domínios da África.

E o Comitê da ICANN faz 6 anos, estudou no ambiente de novos domínios da África. E essa foi o primeiro relatório propriamente feito, em que entra aqui um interesse no continente africano. E também deixamos espaço para mais, por exemplo, advocacia de utilizar o Sistema de Nomes de Domínio na África. E foi interessante, porque a comunidade pediu algum tipo de atualização desse relatório e a resposta a solicitação da comunidade então.

Lançamos essa pesquisa atualizada, o que foi feito por uma consultoria. E amanhã vamos ver essa pesquisa. Mas rapidamente algumas coisas no relatório aqui, são bastante interessantes. Quanto as estatísticas, claro, questões que ainda continuam lá sobre a infraestrutura.

E quando você pede para ter acesso a internet na África, há alguns pilares aí, que são importantes com coisa que vão mudando em todas as partes. É uma questão de infraestrutura. Então é importante. E também, claro, há desafios contra brecha digital, pela qual temos países em que a cidades, que estão bem conectadas. Mas 80% da população residente... desculpem. Isso é 80% da população residente.

Mas por outra parte, há regiões subatendidas, que representam uns 2% de conectividade, acessibilidade. Quanto ao registro de Nomes de Domínio, devido a nossa pesquisa sobre os endereços em novembro de 2023 na África, observamos que 433 milhões de registros foram registrados sobre um Nome de Domínio.

... 1,2 ou 1,4 bilhões da população da África e só 4,3 de registradores e domínios. Portanto de fato, é a metade desse número que são nomes de domínio registrados, que vêm de apenas um país. Eu diria que são $\frac{3}{4}$ disso que vêm de outras 4 países. Eu não preciso explicar quais são todos esses países. Vamos ver isso amanhã, sim.

E então o relatório surgiu com algumas coisas, que com uma concentração significativa de conteúdo na web. E também o *hosting* de domínios, que permanecem apenas. E alguns poucos países, o que significa que a maioria dos países têm essas questões, em que o conteúdo reside fora da África. Então vamos ver de mudar essa situação. Precisamos então localizar serviços de internet na África.

Há então trabalho pela frente para fazer. E uma das coisas que recomendamos é que hoje, estou indo rapidamente, mas amanhã vamos entrar mais em detalhes. Mas quanto a melhoria de políticas e

regulatórias, esse é um pilar importante sobre como assegurar o que nós estamos fazendo, se nosso registro não é claro.

E estamos falando sobre ter também a questão da escrita nos idiomas diversos, para facilitar a utilização da internet. E também precisamos de conteúdo local, que está sendo desenvolvido. Então recomendamos promover também conteúdo digital em idiomas africanos. É uma recomendação importante, essa. E seria... aqui, vamos pensar em umas 4.000-5.000 idiomas na África, que é muito. Devemos estabelecer prioridades.

Mas essa é uma questão que tem a ver com as políticas e que não tem a ver conosco. Além dessa recomendação, pensamos que a maioria dos serviços precisam de um tipo de aprimoramento. Hoje, que se considerarmos a operação com o DNS e aí, a maioria dos países, que não tenha um registrador, entram em jogo.

Isso significa poder realmente expandir os serviços fora das cidades. Para nós, não termos apenas os registros nas cidades e para que possam ser fornecidos serviços nos vilarejos. E há mais e mais coisas sobre isso. E também gostaria de mencionar que amanhã, no Espaço da África, vamos discutir todos esses assuntos, os achados e também o que determinou a consultoria.

CHRISTINE ARIDA:

Sim. Temos perguntas no chat. Temos uma da Suíça sobre a Coalizão para a África. A Coalizão está trabalhando junto, mas a União Africana está trabalhando com a Union? Também pode a elaboração de capacitação no IGF, para parlamentares serem entregue através dos

IGFs regionais e sub-regionais? O Fórum 2024 de Governança da Internet da África Ocidental planejou uma sessão de rastreamento de MPs. E poderemos ter acesso a esses recursos. Mas como?

PIERRE DANDJINOU:

Obrigado. Sim. Temos instituições, em que... e vamos falar sobre elas amanhã. E para admitir então a União Africana e as suas conversas conosco. Isso ainda está avançando. E isso, porque nós acreditamos que a África é de extrema importância sobre o que está acontecendo em termos de economia digital.

E inclusive, nas cidades e definitivamente sim, estamos preocupados. Também estamos abertos. E já nos reunimos com a Africa Union duas vezes para introduzi-los, apresentar para eles a ideia. E agora, precisamos buscar o ponto certo, para trabalhar com eles.

Então quanto a Francofonia e tudo isso está acontecendo. Também é interesse deles, instituições que deveriam estar interessadas em trabalhar com a Coalizão, vem solicitações. A Equipe da Coalizão estará trabalhando com isso e decidindo se é necessário tê-las ou não as ter. Mas tudo isso vem com uma espécie de critério, que devemos respeitar. Esse é o caso.

Quanto a capacitação para parlamentares, a ideia de ter alguns treinamentos no contexto do IGF é uma boa opção. E deve ser considerada. Há algumas coisas a serem feitas em termos de promover a transformação digital na África.

E começamos com a rede de parlamentares, aqueles que se aproximaram de nós. E manifestaram estarem interessados. E é isso, que vamos lidar nesse *workshop* com eles. Estamos abertos para trabalhar com o IGF e com quem estiver interessado. E então fomos contatados por muitas organizações diferentes. Eu não vou mencioná-las agora. E bom, são recursos, uma série de recursos que temos para o melhor efeito da transformação digital da África.

CHRISTINE ARIDA:

Muito interessante a apresentação. Haverá muito interesse na sala. Temos um link no chat. E podemos passar a segunda parte da sessão, que eu acho que Rodrigue vai falar em francês. Como você quiser, Rodrigue. Eu passo a palavra a você.

RODRIGUE GUIGUEMDE:

Sim. Muito obrigado pela oportunidade para falar por esse Projeto de Governança da Internet na África. Vou falar em francês, porque é... os idiomas são importantes. E é importante de que a minha mensagem chegue claramente. Muito obrigado. Em todo o caso, gostaria um pouco de falar da Smart Africa.

Que como vocês sabem, Smart Africa é uma visão de transformar o mercado africano, que é único, buscando a transformação numérica da África. E esse é o objetivo pelo qual nós estamos trabalhando. Smart Africa foi criada sob a visão de uma série de chefes de estado em 2003. E através de um manifesto, que justamente movimenta um pouco o centro da agenda, melhorando a responsabilidade e a eficácia. E também fomentando a abertura, a acessibilidade, graças ao

desenvolvimento dos TICs, notavelmente no setor privado. Também eles queriam fomentar o desenvolvimento sustentável.

E isso foi endossado pela União Africana em janeiro de 2014, durante essa reunião de chefes de estado. Temos 39 membros. Temos... e agora são 40, nessa aliança. O último a ingressar foi a República da África Central. E quanto aos parceiros do setor privado, organizações internacionais, acho que temos alguns parceiros que são instituições internacionais. Estamos abertos, portanto.

Abertos para formar um conjunto, um grupo entre todos nós, com uma série de setores interessados. E agora, gostaria de falar sobre os desafios, que subjazem na criação dessa iniciativa para a governança da internet. E qual foi o principal achado? Em 2021, para Burkina Faso foi achada uma... a Burkina Faso encaminhou uma iniciativa a Smart Africa, que tinha a ver com governança da internet. E também com uma série de dificuldades, as quais devemos resolver. Atendemos também a isso, muitas vezes. E às vezes, há falta de compromisso dos governos. Também temos alguns problemas, quanto a que a internet seja desativada em alguns países.

E é uma questão muito sensível, essa. E estamos buscando isso com a AFINIC no continente. Devemos trabalhar também no fortalecimento dessas instâncias e representar melhor os países africanos e esses RAs. Portanto devemos implementar esse mecanismo. E realmente, me senti muito satisfeito agora, de ouvir Pierre Dandjinou falando sobre as necessidades da África. Acho que todos devemos trabalhar e contribuir.

Como eu disse antes, contribuir, coletando informação sobre governança da internet. E ver quais são os problemas, buscar a solução. Porque é isso que acontece, quando identificamos um problema. E devemos buscar então, uma solução. Isso é crucial. Também temos alguns objetivos para esse projeto. E temos 5 grandes objetivos. O primeiro é a questão da representatividade dos africanos no centro de decisão e debate.

Escutamos ontem, um debate sobre o grupo de trabalho. Falamos também muito nesse sentido. Eu acho que é uma problemática, que devemos tratar. Também está a regulamentação a nível das políticas. E poder reforçar a implementação de diferentes políticas. Tudo isso é muito importante. Também está a questão da colaboração. Por isso, quando escutava Pierre Dandjinou, nós estivemos juntos na reunião do grupo de trabalho e esta sincronização ou sinergia vai dar um novo respiro ou apoio a esta ideia, que temos de poder defender os interesses da África e de ter certa soberania nas estruturas críticas sobre a governança da internet. E isso é muito importante.

Nesse sentido, também falo se soberania ou falamos de soberania. E estão as questões referidas a soberania da infraestrutura, que é crítica. Também há um último objetivo que é essencial também, referido ao reforço das capacidades. Aqui há um grande trabalho que deve ser feito com a Coalizão e a iniciativa ou reforço de capacidades em benefício dos parlamentares. Esse é uma iniciativa, que Smart Africa apoia fortemente. Acho que várias outras iniciativas também vamos tentar apresentar com o apoio da ICANN. Vamos tentar implementá-las junto com os atores governamentais e parlamentares.

Isto é o que apresentamos, como objetivo. Em primeiro lugar, tentamos identificar os atores e ver quais são os atores essenciais a nível da ICANN. Esses atores múltiplos ou variados vêm dos diferentes países e governos, que são essenciais para as ações de sensibilização e de atividades.

Não nos ocupamos da gestão e da coordenação a nível local. Por isso, eu acho que é importante se apoiar nos governos e nas diferentes organizações locais. Além disso, há organizações regionais e continentais. Pierre Dandjinou justamente falava dessa vontade de se estender até as comunidades locais, que são essenciais para apoiar o impacto do que realizamos, como iniciativa para poder trabalhar na escala africana. É verdade, que também temos outros enfoques, que podem tratar todos esses temas com certos impactos. Mas devemos sustentar e aumentar esses esforços regionais. Isso tudo vai ser muito bom e trabalhar nesse sentido para acelerar o impacto que queremos para a África nesse sentido.

Tudo isso, devemos fazer. No que tange o nosso rascunho, quanto aos objetivos, acelerar e unir o trabalho, eu acho que é importante dar uma ideia mais clara do que queremos fazer junto com todas essas partes interessadas. E tentar ver quais os objetivos e como podemos cumprir esses objetivos. Smart Africa tem um enfoque de trabalhar para definir o que nós denominamos um documento base, que dê uma visão a escala continental. Também chamamos como rascunho.

A ideia é trabalhar para implementar as recomendações que temos a nível dos estados. Estamos numa etapa experimental, piloto para os estados possam entender e conhecer as regulamentações. Essa é a

visão holística, que temos. E nesse sentido, depois de conseguido este trabalho, temos que passar as questões aos diferentes estados.

Hoje somos 40 estados-membros. E esperamos que daqui até alguns meses ou anos, possamos incluir a África toda. Há uma dinâmica que já temos e que pode chegar a ter um grande impacto.

Para poder implementar este rascunho, há uma proposta de plano de ação. Já estabelecemos algumas ações a partir de 2020. Não vou mencionar esta parte. A proposta do plano de ação que queremos gerar tem a ver com este rascunho, parte deste rascunho. Já falamos isso com o Pierre. No slide, como podem ver, temos a primeira etapa, que vai acontecer ou que aconteceu no final de maio e depois, o lançamento do projeto.

A reunião de ontem foi muito bem-sucedida. Podemos... conseguimos reunir todos os atores, que eu já mencionei na mesma mesa. Tivemos quase que 40 estruturas, que estão representadas. A discussão ou debate foi muito enriquecedora. A nossa ambição é poder trabalhar com esses parceiros, que incluem a ICANN, que é essencial para nós, principalmente para definir, poder definir esse documento, que será essencial para o continente.

Esperamos que daqui até o final do ano, possamos ter um primeiro rascunho do documento, que poderá ser objeto de avaliação e de validação também. Depois vai passar por todos os processos a nível de Smart Africa. Eu não falei no começo da apresentação, mas Smart Africa tem um nível de validação também. Temos instâncias de consulta também. O CMICT, que é um grupo de todos os ministros das TICs, dos

estados-membros. Também temos uma diretoria, que fazem parte dos diferentes chefes de estados, que validam, que devem validar este rascunho.

Esse enfoque permite facilitar as recomendações a nível nacional para implementar essa estratégia a nível nacional e poder também começarmos as ações específicas. O que eu gostaria de compartilhar também com vocês hoje, no que se refere ao enfoque do Projeto de Governança da Internet, a dinâmica já foi comentada. Somos muito otimistas com um parceiro, como a Coalizão África e sabemos que a África vai poder assumir esse desafio. Muito obrigado.

CHRISTINE ARIDA:

Muito obrigado, Rodrigue. Vamos ver se há alguma pergunta. Muito bem. Se não há mais perguntas, eu tenho uma pergunta. O senhor falou sobre ter mais representação da África em questões de ciberdiplomacia e também em questões de governança da internet. Se eu entendi bem, queria saber como tratam esses desafios, depois que passemos a etapa de implementação? Vão implementar por cada país e vão encorajar ou incentivar a que também implementem esse projeto? Só vão levar em conta as políticas e os globais?

RODRIGUE GUIGUEMDE:

Muito obrigado, Christine. Depois da validação deste rascunho, as principais parte interessadas vão dar um primeiro passo dentro desse projeto experimental. E vamos tentar de que todos participem. Podemos trabalhar com os países sem a participação das organizações internacionais, mas tudo é holístico. E Portanto é importante que cada

parte interessada tente de trabalhar de forma federada com ações conjuntas.

Queremos depois da validação desse plano, avançar aos países interessados e pedir que demonstrem ou manifestem seu interesse. Depois vamos trabalhar com alguns parceiros para delinear alguma estratégia e ver se podemos dar apoio. E tudo isso para concretizar algumas ações concretas em vários desses países. Eu acho que isso é o ponto mais importante para nós, depois da validação do plano. Muito obrigado. É uma pergunta muito interessante.

CHRISTINE ARIDA:

Muito obrigada. Eu não sei se há alguma outra pergunta. Não vejo no chat, perguntas. Há uma pergunta da audiência. Por favor, diga o seu nome.

IBRAHIM PATRICK CONGO:

Olá a todos. Sou Ibrahim de Burkina Faso. Mais do que uma pergunta, é um comentário para os oradores. Quero agradecer o orador pelo que acaba de contar. Burkina Faso está representada por Smart Africa. E é uma honra fazer parte do grupo. O Sr. Dandjinou também mencionou outro princípio referido com o enfoque de governança da internet. Alguém de Uganda disse que não existia comunicação entre os setores. Eu queria compartilhar com os presentes aqui, uma experiência que tivemos em Burkina Faso, quanto aos nomes de domínio.

Trabalhamos com uma associação, chamada BDI, para criar um documento, um quadro, documento base que permite se conhecer as

diferentes partes interessadas, que queriam ou precisavam participar dos diferentes trabalhos. Essa é uma das tarefas, que os nossos governos têm que realizar, para que todas as partes interessadas possam finalmente participar. Quando os beneficiários se encontram fora dos governos, todos têm que participar.

Todas as partes interessadas devem participar. A comunicação é fundamental. Apenas queria manifestar isso. Muito obrigado.

CHRISTINE ARIDA:

Muito obrigada ao representante de Burkina Faso. Há alguma outra mão levantada? Ou que quer assumir a palavra? Muito bem. Vamos passar a palavra agora ao seguinte orador, que tomou notas. Não sei se quer comentar os pontos sobre os quais tomou diferentes notas?

DJIBRIL DEME:

Boa tarde. Eu vou resumir as recomendações da sala. Reuni até agora, um total de 7 recomendações. A primeira tem a ver com melhorar a compreensão dos membros do GAC a respeito do processo de um desenvolvimento de um quadro regulatório, com relação as políticas da internet.

Em segundo lugar, realizar um debate sobre as operações e a operacionalização e coordenação dos membros do GAC, quanto à medida que isso é importante para o continente.

A terceira recomendação é compartilhar com os países africanos os critérios para fazer parte da Coalização para a África Digital.

A quarta recomendação é fomentar, incentivar o desenvolvimento da expansão da internet a nível global. E reduzir os custos da internet. E melhorar, por sua vez, a registo de nomes domínio a nível global e local.

A quinta recomendação tem a ver com a expansão da cooperação com os decisores de políticas para ter uma estratégia de *marketing* e comercial efetiva, que apoie o crescimento da internet.

A sexta recomendação tem a ver com uma política de apoio ao acesso a internet e que diminua o custo desse acesso.

E a última recomendação é apresentada por Rodrigue, que é trabalhar bem próximo dos reguladores da África e também da região para implementar as várias recomendações, que surjam dessas colaborações. Essas seriam as recomendações, que eu captei. E se há alguma outra coisa, que queiram adicionar, por favor, me avisem. Obrigado.

CHRISTINE ARIDA:

Muito obrigada. Foi de muito valor e utilidade. Muito obrigado pela sua ajuda. E no tempo que temos, temos mais de 15 minutos, vou convidar Karel aqui no cenário. Porque há perguntas que preparamos para receber as suas contribuições referidas a criação de capacidades e as sessões referidas.

Mas antes, quero agradecer a Pierre por sua apresentação. Eu sei que tem uma agenda muito ocupada, então agradeço. Uma salva de palmas para Pierre. Não quero retê-lo mais tempo. Então no tempo que temos,

vamos ver quais são os resultados dessas suas sessões de criação de capacidades. E tentaremos analisar novas formas de abordagem de criação de capacidades para o futuro. Então vou passar a palavra novamente para o Karel.

KAREL DOUGLAS:

Obrigado, Christine. Sou Karel Douglas de Trindade e Tobago e copresidente do Grupo de Trabalho de Regiões Menos Favorecidas. Pierre e Rodrigue, obrigado pelas apresentações tão interessantes. Temos aqui, algumas perguntas para estimular algumas ideias.

E essas perguntas são para os senhores e as senhoras. Sabemos quão importante são esses temas para vocês. E na sessão anterior, muitas perguntas e pessoas fizeram perguntas, inclusive depois da sessão também. Sabemos que são importantes.

E esperamos na próxima sessão também ter mais tempo para apresentar esses temas. Mas queremos agora, fazer perguntas a vocês. E podem dessa forma, fazer as suas contribuições. Algumas perguntas estão na tela. Acho que não devemos responder de forma sequencial. Mas gostaria de apresentar a comunidade as seguintes perguntas. Por exemplo, para o seu país, quais são os resultados principais das apresentações do dia hoje?

Se não tem qualquer resposta a essa pergunta, temos uma outra pergunta que diz. Quais são os temas importantes para a sua região? Como vimos antes, o tema dos ccTLDs é uma questão, a participação, a criação de capacidades são temas críticos. Também resgatamos várias ideias referidas a estes pontos. Também antes falamos das políticas da

IANA para a redelegação e revogação dos ccTLDs. Vejo aí, Tracy Hackshaw, que levantou a mão e também que Nigel Cassimire, quem assumirá a palavra.

TRACY HACKSHAW:

Obrigado, Karel. Com respeito a segunda pergunta, eu acho que o tema dos ccTLDs é importante para as regiões menos favorecidas, em especial para a África, quanto ao desenvolvimento da indústria do DNS. Como escutamos nos debates sobre o Programa de Apoio ao Solicitante, há uma significativa falta de diversidade dentro da indústria do DNS. E o setor dos ccTLDs tem um papel, uma função a cumprir aqui, na criação dessa diversidade digital.

O que acontece com os ccTLDs? Há alguns ccTLDs ou registros, que administram ccTLDs a nível local. Mas não é a mesma situação para todos. Então para aqueles países com ccTLDs, que são administrados a nível global têm a oportunidade de analisar o Programa de Apoio ao Solicitante e apresentar uma solicitação para os novos gTLDs. Ou também oferecer serviços a outras empresas na região, que queiram apresentar uma solicitação para esse programa.

Porque depois de encontrar o software necessário para administrar um registro, não necessariamente é fácil se expandir com ele. Então a questão é ajudar os ccTLDs a que cresçam, a que participem em toda a indústria e ter também uma visão multissetorial, quanto a indústria dos ccTLDs. Muito obrigado.

KAREL DOUGLAS: Muito obrigado. Alguma resposta mais? Alguma resposta por parte da comunidade? Nigel.

PAUL HILL: Eu acho que um dos desafios específicos, que surgem. E aplique isso talvez, a um ccTLD específico. Mas vai além disso. Eu acho que a política foi desenhada de forma inteligente. E não permite que a IANA apenas redelegue, mas exige também a cooperação.

Agora o problema específico surge quando há um auto, sem sentido no processo de transferência. Ou quando uma parte é forçada que colabore na operação. Há vários elementos a levar em conta.

Mas quando uma parte que controlou historicamente o código do país, porque historicamente foi administrador do código de país. E pode deter ou reter o processo, demorá-lo. Isso é um problema. Esse é um problema. Se bem, a política em termos gerais é correta. Há situações em algumas instâncias, nas que não é possível aplicar. E no caso, isso poderia de alguma forma, ser disruptivos para as funções da IANA.

Não é uma situação habitual. Mas podem existir situações nas quais exista uma parada, uma retenção. E isso seja reconhecido pela comunidade local, como uma coisa que de alguma forma fomenta a ICANN. E essa não seria a ideia.

Então eu acho que há certa necessidade, não com relação as funções da IANA. Talvez sim, a ccNSO ou as Organizações de Apoio têm que evitar então, que exista uma demora sem fundamentos neste tipo de processo.

KAREL DOUGLAS: Peço, por favor, que se identifique.

PAUL HILL: Desculpe. Eu sou Paul.

KAREL DOUGLAS: Agora sim, vamos passar a palavra a Nigel Cassimire da CTU.

NIGEL CASSIMIRE: Levando em conta a segunda parte da sessão de hoje à tarde, eu fico surpreso pela quantidade de situações semelhantes, que vemos ou que escutamos da África, comparado com o Caribe. Há muitas iniciativas, há prazos, iniciativas que começam, desafios apresentados etc. Praticamente é a mesma coisa, que acontece no Caribe.

Felizmente no último tempo, houve mais colaboração dentro Caribe e na África. Foi criado, por exemplo, criado uma relação mais próxima entre a CTU e o UIT. E tivemos oportunidade de compartilhar experiências, inclusive aprender com maior rapidez, quanto aos processos existentes. Obrigado.

KAREL DOUGLAS: Obrigado, Nigel. Tem razão. Há temas críticos. E há também semelhanças da perspectiva, então histórica. Talvez não se percebessem como problemas. Mas agora os temas surgem. E peço, por favor, o próximo orador que se identifique antes de começar.

RAPID SUN: Eu sou o representante do Camboja. Eu vi o Relatório da Indústria dos Nomes de Domínio da África, muito bom. E a minha pergunta é a seguinte. Há algum estudo possível sobre a Indústria dos Nomes de Domínio na Ásia, especificamente para Camboja? E se queremos solicitar que se realize esse estudo, que processo deveríamos cumprir?

KAREL DOUGLAS: Obrigado. Alguma resposta?

CHRISTINE ARIDA: Bom, o que eu posso dizer, o que identifiquei a nível pessoal, quanto a apresentação é que os problemas, que enfrentamos na África, também estão presentes em muitos outros países em desenvolvimento ou do Sul global.

Para responder à pergunta 4, eu acho que necessitamos mais estudos profundos, mais tempo. E é necessário desenvolver outros estudos de mercado. Então eu apoio o seu comentário, quanto a que isso... essa é uma questão necessária. Talvez deveriam marcar sinergias, quando estudemos sobre esses estudos. E criar associações, quando sugerir Nigel ou cooperações entre, por exemplo, África e alguma outra parte interessada. Nestas situações também há outras sinergias, que podem ser encontradas em outros temas já discutidos; os IPs, os nomes de domínio etc.

KAREL DOUGLAS: Pode se identificar, por favor?

MOHAMED EL MOCTAR: Eu sou o representante do GAC da Mauritânia. A responsabilidade de fazer perguntas dado o esforço apresentado, de compartilhar tudo isso conosco, eu devo destacar. Como eu já falei, estou muito satisfeito de ter participado aqui. Eu vi duas vezes... esse são os temas principais, que identificamos a nível nacional, para poder chegar aos objetivos marcados com a ICANN e com outros parceiros.

Não só a governança da internet com a Smart Africa e também com esses 8 pontos, que a Coalizão para a África apresentou. Mas literalmente esses 8 assuntos são de importância para a Mauritânia também. Eu acho que o desafio e o rumo daqui em diante é como implementar, como executar, como encontrar um quadro para que isso aconteça. Eu sei que parte disso já está em andamento dentro da ICANN. A segurança do DNS, por exemplo e algumas outras coisas, que têm a ver com o desenvolvimento de capacidades. Devemos tentar de encontrar um âmbito de aplicação para tudo isso. E que não seja apenas conversas e apresentações.

KAREL DOUGLAS: Alguma resposta por parte do painel?

PIERRE DANDJINO: A palavra-chave aí, compartilhar experiência. O que fazemos na África é também reunir algumas lições aprendidas, quando estabelecemos

esforços como este. Dentro da ICANN, o plano, a ideia é compartilhar algumas dessas lições, lições aprendidas.

E sem dúvidas, que estamos abertos. Eu acho que realmente estamos abertos. O que produzimos está aí, no website. A pergunta será “Como realizar a comunicação?”. Também temos o website com toda a informação, com projetos. Tudo está ali, já colocado. Podem então, reunir a informação necessário. E também entrar em contato conosco, caso nos necessitem. Obrigado.

KAREL DOUGLAS:

Obrigado, Pierre. O que eu levo daqui é que devemos deixar de falar. Há muitas conversas e o que precisamos agora é mudar a equação, para que exista mais ação, para conseguir resultados como resultado dessas conversas. Ainda hoje é um perfeito exemplo disso. Porque tivemos várias ideias fantásticas, os temas apresentados. Todos considerados, como o ccTLD, a governança da internet, ontem Smart Africa. E há tanta coisa positiva, que seria uma pena que não consigamos traduzir toda essa energia em iniciativas e ações específicas.

Por isso temos todas essas sessões. A geração de capacidade não só é apresentar os temas, mas também esperamos traduzir tudo isso em resultados específicos, concretos. Para que depois de hoje até começando amanhã, consigamos entrar em outra sessão e que isso se traduza numa iniciativa sólida com um programa. A África está subatendida em muitos aspectos. Mas pensamos que nos próximos anos ou talvez, não anos ou talvez alguns meses, possa existir uma

transformação em outras áreas. Muito obrigado por esta excelente pergunta. Há alguma outra pergunta mais?

CHRISTINE ARIDA:

Nos minutos que ainda temos, se não há qualquer comentário urgente, quero agradecer a Karel e passar a palavra a Rodrigue para os comentários finais.

RODRIGUE GUIGUEMDE:

Tem sido uma boa sessão. Há muitas recomendações. Estou escutando também a recomendação, o resumo compartilhado. Foi uma sessão muito boa. Temos muita coisa para fazer. E foi muito... deu para acreditar realmente em todo esse trabalho apresentado. Não temos apenas que nos centrar na velocidade, nas conversas. Mas temos que ter um plano para concretizar ações e conseguir impactos. Isso é o que queremos. Como o senhor mencionou, em alguns anos, fizemos muitas reuniões dentro da ICANN. E falamos muito.

Mas eu acho que agora chegou a hora de começar com as ações específicas e concretas. E eu acho que a iniciativa da Coalizão, CDA; a iniciativa da Smart Africa e as ações que queremos implementar serão uma resposta nesse sentido. Por isso eu quero convidar cada um de vocês, tantos governos, organizações internacionais que se unam nesta aventura, se unam a nós. Para nós é muito importante. Esta é a minha última palavra, convidá-los a que se envolvam, a que façam o melhor para poder criar uma coisa específica. Isso é o que eu queria compartilhar, Christine. Eu quero agradecer mais uma vez por ter participado dessa reunião, de tanta importância para a África.

Queremos também dizer que estamos muito satisfeitos e contentes. Estamos disponíveis para dar os próximos passos.

CHRISTINE ARIDA: Obrigada, Rodrigue. Ficamos sem tempo. Mas vejo uma mão levantada. Abaixou a mão. Sim, quer falar? Por favor, se identifique.

RUSSELL WORUBA: Queria dizer obrigado, Presidente. Para nós, no Pacífico, estamos tentando gerar uma declaração. Eu sou o representante de Papua Nova Guiné. Há uma reunião dos representantes do Pacífico, iremos padronizar as políticas nos nossos países. Trocar informações, que nos permitam ter uma melhor arquitetura do DNS. Quero agradecer também todos os colegas da África. E também a Pierre por todo o bom trabalho, que está realizando.

CHRISTINE ARIDA: O que precisamos agora é um plano de ação específico. Isso é o que se diz no chat. Obrigada. Dessa forma, terminamos a sessão.

KAREL DOUGLAS: Antes disso, quero agradecer a todos. Aos nossos intérpretes, muito obrigado por ter ficado mais tempo e por sua paciência, energia, pelo que fazem. E ao comitê, todas as pessoas que não estão aqui no cenário, mas que ajudaram de muitas formas a assegurar o sucesso desta sessão. Agradeço a todos. Não vou mencionar os nomes, porque

sempre esqueço algum. Obrigado a todos por estarem aqui. Eu sei que agora vão querer tomar um *drink*. Obrigado.

JULIA CHARVOLEN:

And everyone, we will see you back tomorrow at 9:00 AM for the session with ALAC. Thank you.

[FIM DA TRANSCRIÇÃO]